

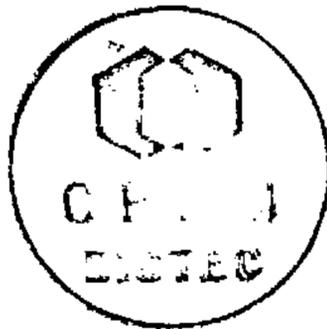
Anexo ao memo 125/SUREG-BH/82, de 03.02.82

160

PROJETO RIO PRETO
c.c.: 2264
RELATÓRIO FINAL DA PROSPECÇÃO
PRELIMINAR

rel
3372

Floriano Garcia Costa



DIVPEP (SUREG/BH)
Novembro/81

SUMÁRIO

1. - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	1
1.1 - Dados Históricos	1
1.2 - Origem do Projeto Rio Preto	1
2. ANDAMENTO DO PROJETO	2
2.1 - Comentários Sobre os Trabalhos	2
3. RESULTADOS DOS TRABALHOS	5
4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	8

ANEXO

- Resultados de Análise de Concentrado
- Mapa Geológico com Localização dos Poços Executados
- Boletins de Descrição de Poços

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

1.1 - Dados Históricos

A região de Rio Preto, integrante da zona da Mata, de Minas Gerais, por suas características ínvias e por ser de domínio dos índios Coroados, permaneceu como sertão impenetrado até 1780, quando a atração do ouro venceu, mais uma vez, os obstáculos existentes. À partir daí as vertentes rio pretanas, nos flancos da Mantiqueira, foram invadidas por aventureiros pouco escrupulosos em relação ao fisco. Apesar da proibição do governador da capitania, D. Rodrigo José Meneses, o escoamento do ouro continuava sendo feito, pelo "Caminho Novo", clandestinamente. Foram infrutíferas as escaramuças comandadas pelo alferes Tiradentes, chefe do Destacamento regional. Em 1798, o poder metropolitano fez a primeira concessão, para explorar lavra em Conceição de Monte Alegre, a Miguel Rodrigues da Costa. E, a partir dessa, outras foram surgindo para disciplinar a atividade garimpeira na área.

1.2 - Origem do Projeto Rio Preto

Dos projetos básicos Paraíba do Sul e Mantiqueira-Furnas, realizados pelo Convênio DNPM/CPRM, em cuja junção situa-se a área do Projeto, surgiu a sugestão do prospecto "Sulfetos Metálicos de Juíz de Fora (Faixa Rio Preto - Juíz de Fora)". Na execução desse prospecto constatou-se a existência de zona anômala para ouro, em área aluvionar do córrego Jacutinga. Três áreas contíguas, num total de 3.000 ha, abrangendo a parte selecionada, foram então requeridas ao DNPM.

2. ANDAMENTO DO PROJETO

O resultado conclusivo pôde ser obtido com apenas dois meses e meio dos cinco previstos no cronograma, o que ensejou também um total mínimo de despesas.

As atividades tiveram início em 01.09.81, sendo a primeira quinzena de preparativos na sede e os trabalhos de campo à partir da segunda quinzena de setembro. Nos primeiros dias foram contratados, obedecendo todos os rigores administrativos, quatro trabalhadores braçais, na localidade de Torreões, município de Juíz de Fora. Foi feito um reconhecimento da área objeto da pesquisa e mantidos alguns contatos com proprietários e anciãos locais para coleta de informações.

Em seguida procedeu-se à execução dos onze poços integrantes das seções 1, 2 e 3, com coleta de amostras e a conseqüente remessa de algumas delas, em número de seis, ao LAMEN.

Já no final de outubro, tendo em vista os resultados obtidos, fez-se a dispensa dos braçais e recolheu-se todo o equipamento utilizado à sede de BH. A primeira quinzena de novembro foi reservada para a elaboração do relatório final.

2.1 - Comentários sobre os trabalhos

Onze poços foram executados nas três áreas requeridas. Inicialmente atacou-se a seção 3, de plano de prospecção preliminar, por ser ela a mais acessível a quem chega à área pelo caminho principal. A intenção inicial era prover 5 poços na seção S3, 4 na S2 e 2 na S1. A dificuldade encon

trada na abertura do poço P1, com desmoronamentos provocando o total fechamento ou atulhamento do mesmo, a impropriedade da localização da seção S3, e a esterilidade do material encontrado, levaram-nos a optar por locações que nos pareceram mais adequadas. Assim, enquanto se providenciava o material de escoramento para os próximos poços, procedeu-se a abertura de alguns minipoços, de 0,5 m de diâmetro e até 1,60 m de profundidade (alcance de cavadeira tipo "boca de lobo"), para facilitar a escolha dos novos locais. Ao todo, a área do Jacutinga, além dos minipoços, recebeu 7 poços, que estão descritos nas fichas anexas e constam do mapa de localização. Apenas o poço P7 revelou algum ouro, mas tão fino e em quantidade tão insignificante, que não mereceu maior atenção.

Tendo a área do córrego Jacutinga, antes considerada como a mais promissora, revelado-se negativa, decidimos, em nome do bom senso, testar também, a área do ribeirão do Pião; de muito maior extensão aluvionar. Dos 4 poços aí executados concluiu-se que, apesar de mais amplas, as aluviões são menos espessas ainda que as do Jacutinga. Além disso, são predominantemente argilosas e inteiramente estéreis em relação ao ouro. A área pesquisada situa-se nas cabeceiras de córregos encachoeirados e de grande energia, em virtude do forte relevo regional. É fácil compreender que, com as chuvas constantes, o acesso à área tornou-se, em alguns dias, se não impossível, muito difícil e perigoso. Motivo pelo qual, tais dias, foram utilizados para suplementar a prospecção fora da área. O córrego da Seritinga, no município de Juíz de Fora, no caminho que demanda a área da pesquisa, pareceu-nos interessante já que conseguimos boas amostras de ouro, nas cabeceiras. Nas aluviões de juzante entretanto, on

de ensaiamos a perfuração de 2 poços, não logramos êxito.

Cumpre assinalar que, apesar dos ingentes esforços, não conseguimos contratar nenhum bateador experiente. O trabalho de concentração foi feito pelo motorista (natural de Santa Luzia, MG, ribeirinha do aurífero do rio das Velhas e veterano bateador), por um técnico de mineração treinado em geoquímica e pelo geólogo que também não é debutante. A eficiência da mão-de-obra foi por vezes testada deitando-se propositadamente fragmentos minúsculos de pregos no cascalho, que eram recuperados satisfatoriamente. A amostragem tornou-se também um fator preocupante: seria ela o motivo do insucesso? Improvizou-se então um "bicame" que, forrado de sacos de aniagem, serviu para concentrar a quase totalidade do material sacado dos poços. Também o rejeito deste foi convenientemente testado para prever possíveis perdas.

3. RESULTADOS DOS TRABALHOS

Do serviços executados pode-se concluir que:

a - A espessura do cascalho, ou horizonte potencialmente capaz de conter ouro, não correspondeu à expectativa, não alcançando mais que 1,20 m, apesar de os poços 1 e 5 não terem atingido o embasamento, por impossibilidade operacional.

b - O fundo das aluviões é muito irregular, chegando a haver afloramento de rocha fresca em vários lugares, e principalmente, nos talvegues dos córregos. O manto de decomposição avança constantemente para o centro da várzea e, mascarado pela vegetação, pode confundir-se com a aluvião, aos olhos de um fotointérprete menos arguto. Daí, a superfície aluvionar, aventada no mapa anexo ao Plano de Prospecção Preliminar, estar exagerada.

c - O cascalho encontrado tem seixos de tamanho muito variável chegando até 10 cm de diâmetro. Os dois tipos mais comumente encontrados apresentam a seguinte granulometria:

Tipo 1 - 10% ficam retidos na peneira de malha 1,0 cm
10% ficam retidos na peneira de malha 0,6 cm
18% ficam retidos na peneira de malha 0,4 cm
07% ficam retidos na peneira de malha 0,2 cm
55% passaram por todas.

Tipo 2 - Peneira de 1,0 cm não retém nada
Peneira de 0,6 cm retém 8%
Peneira de 0,4 cm retém 15%
Peneira de 0,2 cm retém 13%

Areia fina 64%

Dez litros de cascalho pesaram 20,3 kg, o que dá uma densidade em torno 2.

Os seixos são predominantemente de quartzo, feldspato e rocha gnáissica. Há grande quantidade de minerais frescos, como a granada, bastante angulosos, evidenciando transporte curto e rápido.

d - O ouro ocorre em pequena quantidade e granulometria extremamente fina. Está certamente associado a veios de quartzo, cuja violenta desagregação mecânica ainda evidente na área, alimenta os depósitos aluvionares. Os veios de quartzo preencheram zonas de cisalhamento, evidenciadas no alinhamento de vales opostos, e foram enriquecidas epigeneticamente, por soluções hidrotermais, oriundas das mesmas fontes responsáveis pelas rochas magmáticas locais, tidas como charnockíticas.

e - A garimpagem havida na região processou-se de maneira esparsa e incipiente, mostrando que, na verdade, ninguém achou o que procurava. Apenas na fazenda Jacutinga, é que o Sr. Antônio Batista, antigo proprietário, mais por diletantismo que por investimento, no período de 1936 e 1938, utilizando até 90 homens, conseguiu apurar 1 litro de ouro em pó, segundo depoimentos verbais de três sobreviventes da epopéia.

O atual status do ouro ainda fez aparecer alguns interessados em reativar as catas, que logo desistiram.

f - Os resultados de análise de concentrado, fornecidos pelo LAMIN (anexo), confirmaram a previsão negativa, já que apenas 3 (três) amostras continham valores ponderáveis.

A do poço 2, entre 2,50 m e 2,70 m, apresentou 0,0001 g de ouro, num concentrado de 62,2 g, proveniente de 4 litros ou aproximadamente 8 kg de cascalho, o que dá um teor de 0,0125 g/t. No poço 3, a amostra de 20 kg, tomada aos 2,20 m, revelou um teor de 0,02 g/t e o poço 5, aos 2,60 m, revelou teor de 0,016 g/t.

Quanto ao poço 7, onde foi detectada visualmente a presença de ouro, constatou-se na SUREG/BH, cerca de 0,00165 g de ouro em 15 litros ou 30 kg de cascalho, o que dá 0,055 g/t. Este teor, o mais alto encontrado, corresponde a um local na cabeceira do córrego Jacutinga, onde a aluvião apresenta cerca de 30 m de largura e apenas 65 cm de espessura de cascalho.

Os poços 1, 4 e 6 não apresentaram valores ponderáveis.

4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Diante da constatação da inexistência de ouro em quantidade significativa, julgamos sem propósito a tentativa de se dimensionar a "reserva". O parâmetro teor, sendo inexpressivo, zera a cubagem.

Não se pretende aqui negar a existência de ouro na região, contradizendo a sua própria História. Existe a mineralização em condições de constituir anomalia realmente, mas sem configurar uma concentração de interesse econômico. Di zer-se que o "filé mignon" já fora tirado, também não seria verdade, como se depreendeu de entrevistas a velhos moradores, participantes das catas de 1945, como Sô Chico, Tenente e Padilha, que se mostraram céticos em relação às possibilidades da área. O fato de não haver ninguém na região com interesse em ouro, ninguém com um mínimo de experiência em ba teia, já nos deixou, de início, um tanto desconfiados da "riqueza" da área, só decantada por um indivíduo: Amaro de Oliveira Sobrinho, o Santo, que está interessado em vender a fazenda Jacutinga, não como propriedade pastoril, mas co mo "jazida de ouro".

Um empreendimento de vulto, envolvendo mecanização etc., não se justificaria em virtude das características do próprio ouro e do volume de material aluvionar. Ao garimpei ro também não interessa, como ainda não interessou, porque do ouro fino, como o da área, ele só consegue recuperar 20% do existente, que, sendo pouco, torna o trabalho extremamen te adverso.

A única dúvida procedente seria quanto à profundi dade não alcançada em dois poços. Seria cruel coincidência o ouro estar justamente ali. Por isto é que a sonda tipo "Empi

re" ou "Banka", pela qual clamamos no início do trabalho, te
ria sido de grande valia. Sugerimos que toda pesquisa de ou
ro aluvionar, mesmo que planejada apenas com poços manuais,
tenha à disposição, uma dessas rudimentares sondas, para
complementar o serviço em casos como o presente, onde elas
ainda são insubstituíveis.

E a sugestão final é de que a área do Projeto Rio
Preto seja descartada.

ANEXOS

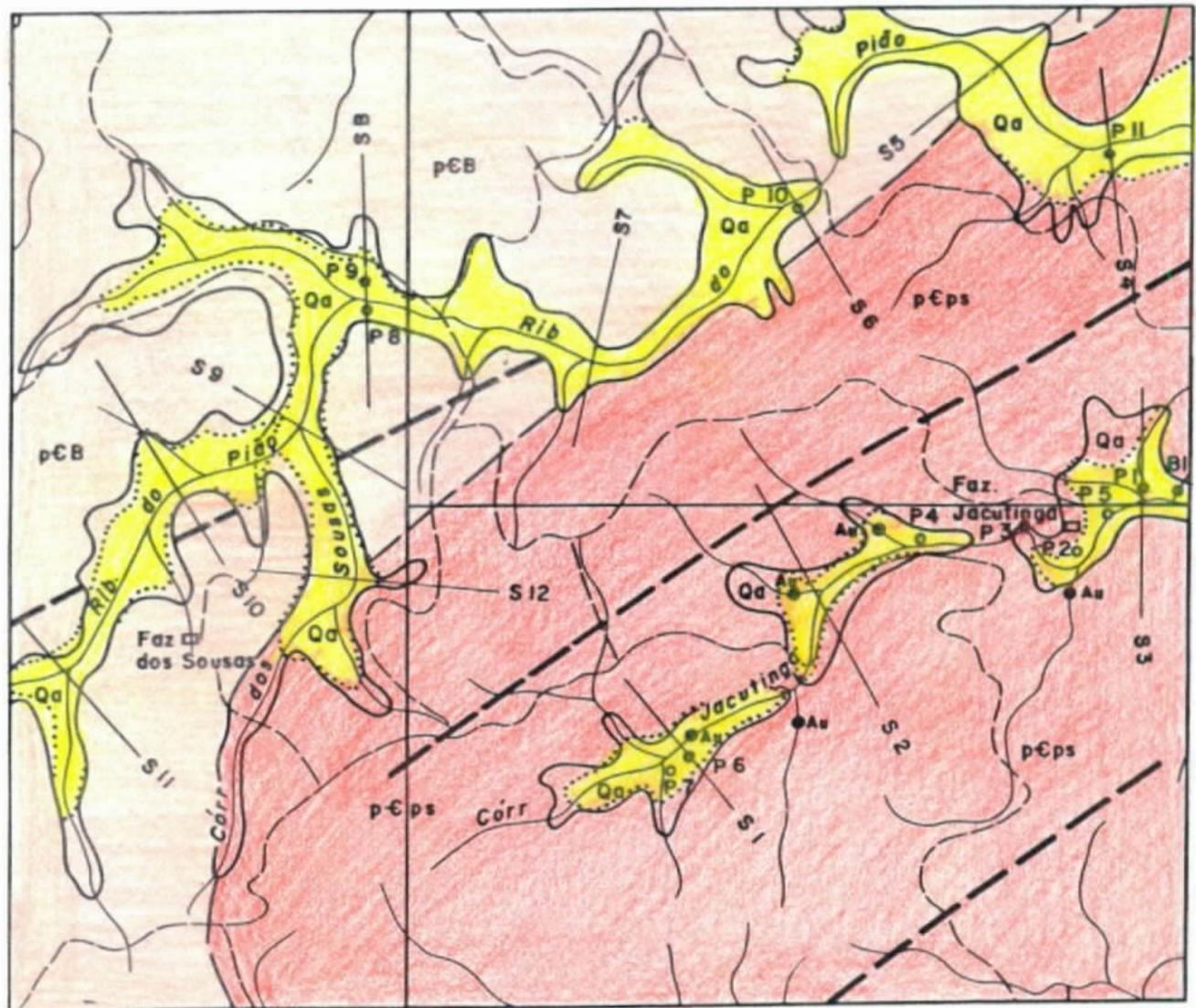
RESULTADOS DE ANÁLISE
DE CONCENTRADO

MAPA GEOLÓGICO COM LOCALIZAÇÃO
DOS POÇOS EXECUTADOS

PROJETO RIO PRETO

Localização dos poços de prova executados

Escala 1:50 000



CONVENÇÕES GEOLÓGICAS

- Contato definido (Prospecto)
- Contato observado
- Contato aproximado
- Falha
- Linhas de poços a executar
- Resultados anômalos de Ouro
- Poços de prova executados
- Qa Aluviões
- pCB Associação Barbacena
- pEps Associação Paraíba do Sul

CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

- Drenagem
- Caminhos
- Fazendas
- Áreas requeridas

BOLETIM DE DESCRIÇÃO DE
POÇOS

